

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade





MEMÓRIA EM ESPANHOL

MARIANA OROPEZA E CECILIA CORDOVA

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

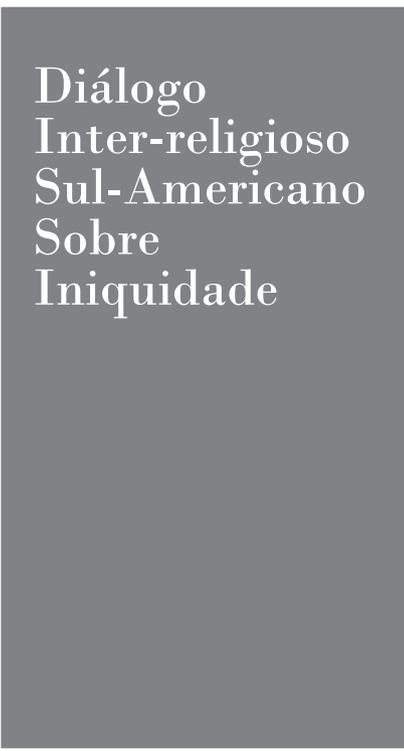
ZWINGLIO M. DIAS E MARA MANZONI LUZ

EDITORACÃO ELETRÔNICA

GISELLE PACHÉCO

CRÉDITO DAS FOTOS

MARA MANZONI LUZ



Diálogo
Inter-religioso
Sul-Americano
Sobre
Iniquidade

Sumário

Abstract	4
Introdução	5
Momento Devocional	6
Descobertas e Conclusões	7
1. Reflexões elaboradas por representantes de Christian Aid	7
Feito à imagem de Deus	15
Teologia e Pobreza	19
Qual teologia ? Teologia relacional	21
Desigualdade na teologia relacional	24
Contexto inter-religioso	28
Conclusão	31
2. Aspectos da Desigualdade experimentada em nosso contexto e a reação de algumas organizações-parceiras na visão de alguns/mas participantes:	32
A situação no Brasil	33
3. Alguns destaques dos Debates:	37
Observações conclusivas da teóloga Paula Clifford:	46
4. Palavras-chave definidas pelo grupo sintetizando as análises e as possíveis formas de ação.	49
5. Conclusão	54

Abstract

From 5 to September 7, 2011, on the shores of Lake Titicaca in Bolivia, Christian Aid - teams in South America and the Head of Theology - met partners from Bolivia (ISEAT), Brazil (KOINONIA), Colombia (MENCOLDES) and regional organisations (CLAI and CREAS) to reflect on the issue of inequalities in the region from the perspective of interreligious dialogue. During three days, in Spanish, Aymara, Quechua, Portuguese and English, Lutherans, Anglicans, Afro Brazilian religions of Candomble, Roman Catholic and indigenous religions exchanged experiences and prayers, reflected, and together, made theology.

In the first part, Dina Guerra - Head of South America – reinforced the importance of values and principles, while presenting the strategy of Christian Aid for Latin America/Caribbean and why the struggle against injustice is important today. Dr Paula Clifford – Head of Theology - gave a lecture on “Theology, Development and Inequality in a multi religious context”, highlighting the theme of Liberation Theology and Relational Theology.

In the second part, the participants could exchange aspects of growing inequality experienced in the contexts of Bolivia, Brazil and Colombia. They also discussed how to shape an equal world from a reality marked by inequalities and what the characteristics of God that inspire and / or highlight the thinking and action in favour of equity. Both partners and Christian Aid finally shared their contributions, as actors with an ecumenical perspective, to end inequalities and how to incorporate these ideas and actions in the theological reflections.

The seminar was an important step in the process of dialogue between Christian Aid and its partner organisations in South America. It has enhanced awareness about the unequal socio-economic and cultural region South America is - as an expression of lawlessness that pervades human relations - and the importance of the inter-religious dialogue to overcome prejudice and intolerance of all kinds. The proposal for a dialogic theological perspective offered by Christian Aid, as a basis for a Christian committed action, shaped the discussions and guided the decisions of the seminar.

Introdução

Entre os dias 05 e 07 de setembro de 2011, às margens do Lago Titicaca, na Bolívia, as representantes da Christian Aid, responsáveis pela área da América do Sul, mais a diretora de Teologia, reuniram-se com suas organizações parceiras da Bolívia (ISEAT), do Brasil (KOINONIA) e da Colômbia (MENCOLDES) e com representantes de organismos regionais como CLAI e CREAS para refletir sobre o tema das “iniquidades” presentes na região a partir da perspectiva do diálogo inter-religioso.

Durante esses três dias, em castelhano, aymara, quechua, português e inglês, luteranos/as, anglicanos/as, candomblecistas, adeptos/as das religiões originárias e católicos/as trocaram vivências e orações, refletiram e, juntos, fizeram teologia. Diversos pontos de vista e diferentes visões ao se complementarem puderam ser harmonizados.

No final do encontro os/as participantes foram unânimes em sublinhar os aspectos positivos do intercâmbio religioso como as celebrações, o cumprimento dos objetivos propostos, a programação, a calorosa acolhida boliviana, o diálogo regional de qualidade, marcado por sua transparência e honestidade, a importância de se ouvir vozes diversas advindas de diferentes origens – multiétnicas e multireligiosas --, e a fluidez apesar da barreira dos idiomas. Ficou a expectativa acerca dos resultados e a esperança de que, no futuro, se possa ter mais materiais teológicos da Christian Aid traduzidos para o português e o castelhano.

Momento Devocional

“Tu, meu Deus, estás neste lugar
Tua presença o preenche, tua presença é paz
Tu, meu Deus, estás em meu coração
Tua presença o preenche, tua presença é paz
Tu, Deus, estás em minha mente
Tua presença o preenche, Tua presença é paz
Tu, Senhor, estás em minha vida
Tua presença a preenche, Tua presença é paz
Tu, Deus, estás em minha Vida
Tua presença a preenche, Tua presença é paz
Tu, Senhor, estás em minha Vida
Tua presença a preenche, Tua presença é paz.

ORAÇÃO DE ABERTURA



RITUAL ANDINO:

WAXT'A = DAR PARA SERMOS RESTAURADOS

RITUAL CRISTÃO:

ÁGAPE DA ÁGUA E DO PÃO. SALMO 85, 10 -13

RITUAL DE ENCERRAMENTO (CANDOMBLÉ):

ÁGUA PARA OXALÁ.

Descobertas e Conclusões

1. REFLEXÕES ELABORADAS POR REPRESENTANTES DE CHRISTIAN AID

a. A importância dos valores, a estratégia para América Latina e por que a luta contra a iniquidade é importante hoje.

Dina Guerra¹

“Como Christian Aid insiste no fato de que o mundo deve mudar, seus valores básicos são: respeito, empatia, amor, solidariedade, humildade, dignidade e compaixão, os quais devem se constituir no sustentáculo de sua ação no mundo.

O teólogo peruano Gustavo Gutierrez afirma que a compaixão é a paixão por nossos irmãos e irmãs; amor é paixão e se, realmente, temos paixão e amor por nossa terra, por todos os seres vivos, vamos chegar a todos os demais valores e lutaremos pela justiça com coragem e determinação. Outro elemento muito importante é a disposição para compartilhar: juntos cuidamo-nos mutuamente em nossa tarefa neste mundo, em nosso trabalho e celebramos nossas vivências como celebram os compadres e comadres. Tudo isto procuramos desenvolver em Christian Aid. Neste momento encontramos-nos num contexto bem específico procurando contribuir

1 Há quatro anos trabalha em Christian Aid como responsável para a área da América do Sul.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

para a erradicação da pobreza na América do Sul combatendo a desigualdade. Esta se constitui, provavelmente, num dos maiores pecados, assim que, combater a iniquidade em nossos países é o que temos de fazer para alcançar o que queremos e viver os nossos valores.

Nosso desafio é fazer com que as pessoas que não vivem em nossa região possam entender o que significa a desigualdade. Isto

A PRIORIDADE, HOJE, EM CHRISTIAN AID, É APOIAR E COMPARTILHAR PROJETOS QUE ENFRENTEM DIRETAMENTE AS SITUAÇÕES DE DESIGUALDADE QUE SE MANTÊM EM NOSSA REGIÃO, PROMOVEDO FORMAS INOVADORAS E CRIATIVAS QUE POSSIBILITEM A CRIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA O COMBATE À INIQUIDADE....

porque muitos pensam que já não tem sentido desenvolver esforços de cooperação com países que alcançaram altos índices de crescimento econômico. Mas é justamente aí que mais precisamos trabalhar para dar visibilidade à e testemunho da desigualdade. Neste sentido é preciso desenvolver bons intercâmbios a partir de nossos lugares, nossos conhecimentos e nossos sentimentos.

A prioridade, hoje, em Christian Aid, é apoiar e compartilhar projetos que enfrentem diretamente as situações de desigualdade que se mantêm em nossa região, promovendo formas inovadoras e criativas que possibilitem a criação de estratégias para o combate à iniquidade, enfrentando-a de maneira direta, combatendo todos os níveis de exclusão. Continuamos a trabalhar com grupos oprimidos e pobres por meio de nossas entidades parceiras procurando in-

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

cidir tanto na realidade do Norte como no nível global. Em nossa perspectiva procuramos trabalhar juntando “iniquidade” e “gênero” mas sem perder de vista o conceito de “iniquidade estrutural” pois, ao perder-se este, perde-se a direção. Para isto Christian Aid precisa de todo o apoio possível de suas organizações parceiras, para tornar plenamente visível seu trabalho. Christian Aid continua trabalhando com as questões relativas às mudanças climáticas, procurando integrar os aspectos que envolvem a redução de riscos, tendo em vista os últimos desastres ambientais.



Assim, por longo tempo, Christian Aid trabalhou demonstrando um alto nível de confiança nas organizações parceiras ao delegar responsabilidades e exigir pouco em troca. Agora este tipo de atitude se tornou insustentável. Ficou evidente que “parceria” significa trabalhar juntos, isto é, a contribuição de cada parte se torna mutuamente necessária na medida em que não se pode

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

manter os níveis de cooperação se não se pode demonstrar que se está desenvolvendo um trabalho profundo para o combate à situações injustas. Ao mesmo tempo, tornou-se imperioso que as organizações parceiras ofereçam informações substanciais à Christian Aid para que esta possa demonstrar a seus financiadores como suas contribuições estão sendo empregadas. Ou seja, como parte de seu papel, Christian Aid precisa demonstrar, a partir da região, que “dar” não é apenas contribuir em termos da caridade tradicional, mas fazer com que as pessoas entendam que suas contribuições são muito maiores do que apenas dar pão a um faminto; que, além de suas doações financeiras podem também exigir justiça participando de um movimento global que a promova.



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Os temas críticos centrais das preocupações de Christian Aid são: governabilidade, incidência pública e comunicações. Por outro lado, todo o trabalho com as redes ecumênicas, que envolvem pessoas e grupos de diferentes crenças, é de fundamental importância para Christian Aid poder articular sua proposta de geração de um movimento capaz levar adiante as mudanças estruturais que se impõem. Alguns elementos importantes para enfrentar essas dificuldades são:

- Receber as informações e as reflexões ecumênicas produzidas pelas entidades parceiras.
- Entender a importância das comunicações no Reino Unido/Irlanda, uma vez que, atualmente, os esforços de cooperação estão dirigidos aos países mais pobres, sendo que 90% do orçamento é destinado a eles e pouco menos de 10% para os países de renda média. O que sobra para América Latina, nesse contexto, é muito pouco.
- Enfrentar o desafio de não olhar apenas para as consequências, mas ir até às raízes dos problemas estruturais.”

b. Teologia, Desenvolvimento e Desigualdade num contexto multireligioso

Paula Clifford²

Num livro publicado há cerca de 15 anos, o reconhecido filósofo e teólogo norte-americano Prof. Stanley Hauerwas escreveu o seguinte: “É muito difícil deixar Deus entediado, mas os cristãos norte-americanos, com a ajuda e a cumplicidade dos teólogos, con-

2 Teóloga que trabalha há 13 anos em Christian Aid. Nos últimos 3 anos tem se dedicado ao desenvolvimento e consolidação da perspectiva teológica de Christian Aid.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

seguiram realizar esta façanha.” Se isto for verdade, trata-se de uma terrível acusação aos teólogos (pelo menos aos teólogos norte-americanos)! Mas eu não penso que isto seja, realmente, verdade. Meu trabalho tem a ver com a formulação de uma teologia que sustente nosso tratamento de algumas questões contemporâneas como HIV, impostos, mudanças climáticas e, agora, a desigualdade. O Deus que estou aprendendo a conhecer por meios destas questões é, na verdade, muito excitante.

Quando me perguntam por que uma agência internacional de desenvolvimento emprega uma teóloga (e espero que no futuro venha a empregar muitos de nós) são muitas as possíveis respostas. Meu primeiro posicionamento é bastante pragmático. Minha função em

**“É MUITO DIFÍCIL DEIXAR DEUS ENTEDIADO, MAS OS CRISTÃOS NORTE-AMERICANOS, COM A AJUDA E A CUMPLICIDADE DOS TEÓLOGOS, CONSEGUIRAM REALIZAR ESTA FAÇANHA.”
STANLEY HAUERWAS**

Christian Aid é a de formular uma teologia que fundamente nosso trabalho numa ampla área de interesses, sendo que todos formam parte de nosso esforço permanente para erradicar a pobreza e denunciar a injustiça.

Precisamos fazer isto porque somos uma agência cristã e temos de prestar contas às igrejas que nos apoiam: isto exige de nós explicitar plenamente os princípios cristãos que nos levam a nos comprometer a apoiar um amplo leque de projetos dirigidos por nossos parceiros de além-mar.

Mas, há também uma outra resposta. Teologia tem a ver com

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Deus. Quando nos propomos a fazer uma leitura teológica do desenvolvimento internacional esperamos descobrir novas percepções acerca da natureza de Deus e da natureza de todos aqueles/as a quem procuramos servir e em quem esperamos encontrar o



próprio Deus. É tudo isto que (à diferença do Prof. Hauerwas) eu acho muito excitante. Mas, se vocês preferem a compreensão pragmática da teologia, como um meio para a justificativa de certas formas de ação, ou se vocês preferem tomar a teologia como uma ferramenta para uma melhor compreensão de Deus haverá, então, muito trabalho para ser feito. E isto é assim porque as questões sobre as quais estamos teologando são questões muito atuais, que estão relacionadas com o velho problema da pobreza que, no entanto, foram completamente desconsideradas pelos teólogos clássicos.

Assim, por exemplo, em 2000 HIV/AIDS tornou-se uma parte significativa de nosso trabalho quando o impacto do HIV foi reconhecido na África e em outras regiões. Sentimos, na ocasião, a necessidade de articular as bases teológicas para aquilo que estávamos fazendo. Tratamos, então, de destacar as relações entre HIV e pobreza. Porém, não fizemos isto apenas para nossa satisfação enquanto uma

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

agência, mas porque as igrejas na África nos pediram para fazê-lo, enquanto lutavam para convencer suas lideranças eclesíásticas e suas congregações a participar no encaminhamento de soluções para a crise do HIV. Da mesma forma, em 2005, a mudança climática tornou-se uma prioridade para nós. E o desafio desta vez foi mostrar como as pessoas mais pobres estão sendo as mais afetadas pelo aquecimento global e, de novo, como a nossa fé cristã nos impele a falar em favor delas. Agora, no começo de 2009, lançamos uma outra campanha, desta vez com respeito aos impostos, de como o impacto das isenções de impostos afeta os países subdesenvolvidos do mundo. Mais uma vez isto implica em desenvolver mais teologia.

Desde o começo desse processo eu me convenci de que não podemos e não precisamos de uma proliferação de teologias – uma teologia da AIDS, da mudança climática, dos impostos, ou do que for. Em lugar disso, entendo que precisamos de uma teologia totalizadora que leve em conta a pobreza e a injustiça, uma teologia do desenvolvimento. Felizmente, isto coincide com a recentemente formulada estratégia de Christian Aid denominada “Superar a Pobreza” (Poverty Over) Esta proposta apresenta uma visão mais ampla: dá ênfase à necessidade de diferentes agencias, governos, ONGs e outras entidades, trabalharem conjuntamente para romper as estruturas que mantêm os pobres sempre pobres. Mas, como fazer isto?

COMO PODEMOS FORMULAR UMA TEOLOGIA QUANDO NÃO EXISTEM VERDADEIROS PARALELOS BÍBLICOS?

Afinal de contas, HIV é mais do que uma doença, a mudança climática ultrapassa a história da criação e a justiça tributaria é mais do que “dar a César o que é de César”. Por onde começamos?

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Feito à imagem de Deus

Dada a antiga definição de Teologia como “a fé em busca de compreensão” gostaria de começar colocando duas perguntas inter-relacionadas. A primeira é: que compreensão de Deus inspira o trabalho que fazemos? Que compreensão de Deus lhe motiva a tratar de questões contemporâneas? Que compreensão de Deus lhe deixa irado ou contrariado diante da injustiça em nosso mundo? E a segunda questão é a inversão desta: O que a injustiça global tem a nos dizer sobre a natureza de Deus? Vejamos:



01. Voltemos ao começo, a Genesis 1, onde, no versículo 26, Deus diz: “Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança...”. Há, naturalmente, muito debate sobre o que significa esta expressão. Qual é a qualidade em nós que reflete Deus (e nos diferencia dos animais) ? Levanto esta questão porque se eu, de alguma forma, sou feita à imagem de Deus e você também o é, então isto, certamente, afeta a maneira pela qual nós nos relacionamos um com o outro. Então, isto quer dizer que temos aqui o começo de uma ideia de que a maneira pela qual os seres humanos se tratam é afetada por causa da imagem de Deus em nós. Assim, ao reconhecer a

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

imagem de Deus nos outros aprendemos algo mais acerca de Deus. O que é esta imagem? Alguns teólogos falam a respeito de uma “imagem de relacionamento” sugerindo que o que é singular em Deus é seu relacionamento com os seres humanos. Se este é o caso seguem-se duas coisas:

a. Na criação havia um relacionamento especial entre Deus e os humanos; este aspecto relacional de Deus (revelado nas relações do seu pacto com o povo, no Antigo Testamento, e no seu novo relacionamento, por meio de Jesus Cristo, no Novo Testamento), por sua vez, determina como devemos nos comportar uns com os outros. Como pessoas em relação com Deus somos chamados a manter relações similares uns com os outros.

b. De nossas relações com os outros, enquanto pessoas feitas à imagem de Deus, decorrem direitos e responsabilidades que, hoje, denominamos Direitos Humanos. Assim, por exemplo, pelo fato de partilharmos a imagem de Deus, tenho a responsabilidade/dever de não lhe humilhar por razões de raça, gênero, idade, religião, etc. e, da mesma forma, você tem o direito de esperar de mim um comportamento não-discriminatório – de novo, porque partilhamos da imagem de Deus. Dietrich Bonhoeffer (teólogo alemão assassinado pelos nazistas) viu a imagem de Deus em termos de liberdade: somos como nosso Criador porque somos livres. Ele sugeriu que liberdade não é alguma coisa que você possa possuir para você mesmo, ela é algo relacional: na medida em que a liberdade se origina em Deus, ela se torna uma característica relacional entre os seres humanos. E liberdade está intimamente alinhada com os direitos humanos.

Mas há, ainda, uma outra questão relacionada com a natureza de Deus cuja imagem nós refletimos. E a Bíblia, naturalmente, tem muito a dizer sobre isto. No Antigo Testamento o que é central é a

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

natureza do Deus Criador como um Deus de justiça. Nas palavras da canção de Moisés, Deus “ é a Rocha; suas obras são perfeitas, porque todos seus caminhos são justos; Ele é Deus fiel e sem iniquidade; Ele é justo e reto.” (Dt 32, 4). Quero sublinhar que esta justiça é o aspecto definidor tanto de nossa relação com Deus como de nossas relações de uns com os outros. Quando nos comportamos injustamente entre nós ou em relação a Deus nossos relacionamentos são corrompidos. Assim, quando olhamos nos olhos de uma pessoa que sofre alguma forma de injustiça que imagem de Deus nós vemos nela ou nele ? Será que vemos, talvez, a injustiça da cruz?

Tanto a Bíblia como a doutrina cristã nos oferecem um modelo de relacionamento no qual a natureza de Deus é apresentada como Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo. Ou seja, a essência de Deus é relacionamento. E a Boa Nova dos evangelhos é que nós somos conduzidos para esse relacionamento (João 17).



DINA GUERRA E PAULA CLIFFORD

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

02. Assim, o modelo teológico que estou sugerindo para vocês tem todos estes componentes. Primeiro, ele é baseado em nossa compreensão de um Deus que se caracteriza por entrar em relação com os seres humanos e por sua própria natureza implicar em amor e justiça. E, naturalmente, Deus é em si mesmo, essencialmente, relacional – como Pai, Filho e Espírito Santo. Segundo, nossa compreensão de Deus como alguém que entra num relacionamento especial com os seres humanos exige que estes reflitam esse relacionamento em seu trato de uns com os outros. Numa perspectiva contrária, por meio desse relacionamento podemos vislumbrar Deus no outro e ser transformados por esse fato. Terceiro, as relações entre os seres humanos podem ser percebidas em termos de direitos humanos e responsabilidades.



EMMA DONLAN
PREPARANDO O ALTAR CRISTÃO

Agora, há uma enorme incompreensão e hostilidade com respeito aos direitos humanos, particularmente na Europa ocidental, onde a maioria de nós tem tido pouca experiência acerca de genuínos abusos de direitos. Por outro lado, se vocês olham para a

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Carta das Nações Unidas de 1948 verão que ela afirma valores essencialmente religiosos. A idéia de que todas as pessoas possuem direitos naturais é muito antiga. Todavia, muitos cristãos se sentem incomodados com a noção de “direitos”, preferindo, em lugar deles, dar ênfase aos deveres e responsabilidades que os acompanham. Penso que isto distorce a relação fundamental sobre a qual direitos e responsabilidades estão baseados. Reconhecendo apenas meus deveres em relação a você eu estarei, num certo sentido, negando-lhe seus direitos, ao tornar você totalmente dependente do grau em que cumpro com meus deveres. É preciso lembrar que direitos e responsabilidades ou deveres são os dois lados de uma mesma moeda. Se você está enfermo, pelo fato de eu ver em você a imagem de Deus, será meu dever cuidar de você ou tomar providências para que você receba tratamento. Pelo outro lado, você tem o direito de esperar isto de mim. (Cf. Mateus 25)

Teologia e Pobreza

Uma outra questão que nós, envolvidos com o desenvolvimento internacional, precisamos tratar tem a ver com a natureza da pobreza: o que queremos dizer quando designamos certas pessoas ou comunidades como “pobres”? Como definimos pobreza? Como isso se harmoniza com a teologia?

Uma definição que eu pediria a vocês de considerarem é aquela denominada de “capacidade de acesso” (capability approach), particularmente associada ao economista e filósofo Amartya Sen. Em sua terminologia, a pobreza é definida como “falta de capacidade” (capability failure) – a absoluta incapacidade de alguém para desenvolver certas funções de valor, como, por exemplo, evitar alguma doença, educar-se, alimentar-se, proteger-se e vestir-se, ser capaz

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

de viajar, participar da vida comunitária, ter auto-respeito. Quando você se dá conta disso, vai perceber que estas capacidades ou liberdades não estão associadas, necessária e individualmente, à falta de dinheiro. Na verdade a pobreza absoluta é vista como tendo dimensões tanto materiais quanto sociais. O objetivo do desenvolvimento é reduzir a pobreza de uma forma que vai muito além de simplesmente distribuir dinheiro às pessoas mais pobres. Tem que tratar de questões relativas à capacitação para que as pessoas se tornem capazes de alcançá-las.

Gustavo Gutierrez descreve uma pessoa pobre como “alguém transbordando em capacidades e possibilidades”. O desenvolvimento objetiva ajudar a realização destas capacidades e possibilidades. Vocês perceberam, agora, sem dúvida, a similaridade das afirmações dos exemplos de capacidades de Sen e os direitos humanos. Pobreza significa a inabilidade de ser educado – ou a negação dos direitos de uma pessoa à educação – a inabilidade de ter alimento ou abrigo – ou a negação do direito à alimentação, à água potável e o direito a um lar, etc. E se vocês se surpreendem com respeito ao fato de poderem viajar, pensem em situações onde as pessoas, tais como os palestinos, tiveram essa liberdade negada e a pobreza que resulta disso.

ELEMENTOS RUTUAIS ANDINOS



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Qual teologia ? Teologia relacional

As causas da pobreza na América Latina não são as mesmas, evidentemente, da pobreza nos Territórios Ocupados da Palestina. Assim como não são os mesmos os abusos dos direitos humanos. Portanto, ao refletir teologicamente sobre o desenvolvimento internacional precisamos de uma teologia que seja suficientemente ampla para incluir estas específicas diferenças contextuais. Assim, sobre que tipo de teologia estamos falando? O modelo que eu quero sugerir para vocês é derivado da teologia relacional, especialmente aquela desenvolvida pelo teólogo suíço Karl Barth.

O ponto de partida de Barth em sua Dogmática da Igreja é a doutrina da Trindade. Os volumes que são particularmente importantes para serem considerados como uma estrutura teológica para o desenvolvimento internacional são aqueles relacionados aos temas da Criação e do Pacto. A compreensão de Barth acerca do Pacto não está limitada ao bem conhecido ciclo de quebra e renovação do Pacto que nos é familiar a partir das histórias dos patriarcas do Antigo Testamento. Ele vê as relações do Pacto indo até o momento da Criação – quando começa o eterno relacionamento entre Deus e a humanidade. Assim, argumenta ele, no momento mesmo em que Deus criou a humanidade estabeleceu com ela um relacionamento Pactual e com todo o mundo criado.

Deus identifica-se com a humanidade por meio de seu Filho e, para Barth, é importante destacar que todas as três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – estavam presentes na Criação. Resumindo, nos escritos de Barth Criação e Pacto – o eterno relacionamento de Deus com a humanidade -- estão inextrincavelmente ligados. A Criação preparou o Pacto e tornou-se o seu signo particular. Deste modo, Barth juntou os ensinamentos do Antigo Testamento acerca

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

da Criação e do Pacto, a revelação de Jesus Cristo no Novo Testamento e a doutrina da Igreja sobre a Trindade.

Este amplo quadro teológico se constitui, portanto, numa estrutura particularmente útil para a discussão das principais questões de nosso tempo. Ele permite que coloquemos as contemporâneas relações humanas com Deus num padrão eternamente existente que está enraizado na própria Criação. Assim, Deus é revelado como estando sempre envolvido em seu mundo e eternamente comprometido com seu povo, não importa o que lhe venha a acontecer.

Refletindo sobre estas ideias eu fiquei particularmente impressionada com a perspectiva levantada por Rowan Williams ao afirmar que, ao entrar em tal relacionamento com a humanidade na Criação, Deus “esvaziou-se a si mesmo” de forma análoga ao auto-esvaziamento de Jesus (*kenosis*) descrito por S. Paulo em Filipenses 2. Este relacionamento, por sua vez, oferece um modelo para as relações entre os seres humanos. Tais relações encontram sua expressão na comunidade. A visão de Barth acerca da comunidade cristã é apresentada no volume I da *Dogmática da Igreja*. Barth entende a vida humana como um ser (em seu aspecto interior) e um fazer (em sua manifestação externa em relação com os outros). Deste modo, “comunidade” significa ação, aquilo que une os crentes. Isto é o que significa louvar a Deus. Diz Barth:

“Nenhum louvor a Deus é sério, ou pode ser levado a sério, se acontece separado ou como um acréscimo ao mandamento: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Louvar a Deus precisa ser sempre entendido como obediência a este mandamento.”³

O amor ao próximo, portanto, não se constitui num extra op-

3 Barth, Karl, *Church Dogmatics, I, 2 The Doctrine of the Word of God* (trad. G.T. Thompson and Harold Knight. T 7 T Clark, Edinburg, 1955, p. 401-402.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

cional: ele é o fundamento da comunidade e a verdadeira expressão da unidade cristã. Assim, Barth define a comunidade pelo seu compromisso com a ação e a comunidade cristã pela sua disposição em empreender um tipo específico de ação enraizado no mandamento de amor ao próximo. Esta compreensão é muito útil para a definição das características de nossas atuais e muito diferenciadas comunidades e promover a sua aproximação. Na medida em que todas as nossas mini-comunidades que, de alguma forma, estão incluídas na ideia de igreja, mas que, talvez não se vejam profundamente unidas à totalidade exigida pela ideia Paulina do Corpo de Cristo⁴, elas podem vir a ser reunidas na ação.

“NENHUM LOUVOR A DEUS É SÉRIO, OU PODE SER LEVADO A SÉRIO, SE ACONTECE SEPARADO OU COMO UM ACRÉSCIMO AO MANDAMENTO: “AMARÁS AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO”. LOUVAR A DEUS PRECISA SER SEMPRE ENTENDIDO COMO OBE- DIÊNCIA A ESTE MANDAMENTO.”

As questões do desenvolvimento internacional tem que ver com relações amplas – relações entre comunidades assim como relações intra-comunitárias. O comportamento injusto de uma comunidade em relação a outra, ou dentro de uma comunidade, leva ao rompimento de relações. Ajudar na restauração dessas relações pode se tornar uma tarefa das agencias internacionais de desenvolvimento, especialmente das agencias cristãs.

4 I Coríntios, 12, 12 – 16.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Desigualdade na teologia relacional

a. A natureza da igualdade: criado à imagem de Deus

Quando alguns de meus colegas se referem à relação entre teologia e desigualdade voltam-se para o Genesis e para a ideia de que os humanos foram feitos à imagem de Deus. Argumentam, então, que neste aspecto, todos nós nascemos iguais. Entretanto, penso que a teologia não é tão simples assim. Se não tomarmos cuidado podemos terminar argumentando em favor da desigualdade e não da igualdade. Assim, vai aqui o meu primeiro alerta.

O autor do Gênesis usa termos que são, instantaneamente, reconhecidos como características dos seres humanos, no mesmo sentido em que os parentes apresentam certas semelhanças entre si e com os seus pais. Em Genesis 1, 26 uma compreensão parecida de semelhança se mostra muito tentadora: você pode ver em mim a semelhança de meu pai humano. Isto se torna problemático quando essa similitude humana, masculina, é erigida como um modelo para Deus, o qual se torna uma espécie de super-pai. Como exemplo, podemos pensar naqueles que não toleram as pessoas que tem uma orientação sexual diferente da deles e que argumentam que a ho-

A CRIAÇÃO DO MUNDO NÃO É PRERROGATIVA DE UMA FIGURA PATERNA MASCULINA. DEUS ESPÍRITO SANTO ESTAVA PRESENTE NA CRIAÇÃO (GN 1, 2) COMO TAMBÉM DEUS O FILHO (Jo 1, 1). SE O DEUS DE GN 1, 26 É VISTO SOB ESTA LUZ, ENTÃO DEUS NÃO É UM SUPER-HOMEM.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

mossexualidade é um erro porque os “gays” não refletem a visão que eles tem de Deus, que é percebido (de forma consciente ou não) como um ser masculino heterossexual. Deste modo a “imagem” de Deus se torna um argumento favorável à exclusão.

Os teólogos sempre tem reconhecido que a realidade é muito mais complexa. Na doutrina cristã ortodoxa Deus é Trindade. A criação do mundo não é prerrogativa de uma figura



paterna masculina. Deus Espírito Santo estava presente na criação (Gn 1, 2) como também Deus o Filho (Jo 1, 1). Se o Deus de Gn 1, 26 é visto sob esta luz, então Deus não é um Super-Homem. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Como nós, de alguma forma, refletimos este mistério em nosso próprio ser é, em si mesmo, um mistério. Porém, na medida em que entendemos “imagem” e “semelhança” nesta perspectiva, talvez como uma centelha divina e não como uma similitude humana, esta compreensão pode tornar-se o fundamento para a nossa condição de seres relacionais. Penso que é a partir daqui que devemos iniciar nossa reflexão sobre a desigualdade.

b. A Teologia da Libertação e a Teologia Relacional

Normalmente as pessoas associam igualdade e desigualdade com o exercício do poder. No Antigo Testamento Jó foi acusado de ter usado de forma injusta o poder de que dispunha contra alguns de seus semelhantes. Em sua defesa ele apelou para a ideia da igualdade humana universal. Referindo-se aos seus escravos e escravas ele disse:

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

“Pois aquele que me formou no ventre materno, nos formou do mesmo modo na madre..”. (Jó 31, 13-15)

Isto contrasta com a reflexão da igreja dos primeiros tempos, sobre uma nova forma de desigualdade, quando o Filho de Deus abandonou uma condição de igualdade com Deus e, voluntariamente, assumiu o mesmo status dos seres humanos. Jesus Cristo não só deixou de ser igual a Deus como nem mesmo usufruiu da condição de igualdade com os seres humanos, na medida em que estes exerceram poder sobre ele. Por isso a cruz é o maior símbolo da rejeição ou da falta de poder. (Fp 2, 5-7)



Vocês sabem, melhor do que eu, que os teólogos da libertação não partilham do ponto de partida de Jó sobre a igualdade humana universal. Oriundos de um contexto de vastas desigualdades entendem a igualdade como algo a ser alcançado por meio da solidariedade humana, uma solidariedade que é prefigurada na solidariedade de Jesus com a raça humana por meio de sua encarnação. Talvez possamos

afirmar que Filipenses 2 não se refere tanto à questão do poder e da igualdade mas principalmente ao valor da solidariedade. Como Douglas A. Hicks assinala: “Acompanhando os pobres na realização de sua dignidade os humanos se tornam agentes num processo de libertação que leva à plena realização da igualdade diante de Deus.”⁵

5 Hicks, Douglas A. *Inequality and Christian Ethics*. Cambridge University Press, 2000. P. 145

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Não fica claro o que esta “igualdade diante de Deus” significa mas, pelo menos, isto implica que os seres humanos se consideram iguais entre si. Implica também que alguns terão de renunciar ao poder que usufruem de modo a substituir as estruturas desiguais de poder por outras mais igualitárias.

A igualdade entre nós aqui, hoje, está de alguma maneira baseada em nosso nível comum de poder ou, pelo menos, pela não demonstração aberta de poder. (Eu me considero a menos “poderosa” neste encontro porque não falo a língua de vocês e não sei exatamente o que vai acontecer comigo, mas vocês tem sido muito gentis desviando a minha atenção a este respeito e me recebendo como uma igual.) Vocês abdicaram do poder quem tem de falar os idiomas da região para acolher entre vocês alguém que não fala nem espanhol e nem português.

Por outro lado não é difícil perceber como as estruturas relacionais podem ser entendidas em termos de poder e igualdade. Entretanto, os desequilíbrios podem ser sutis (como a diferença de idiomas) e, por isso, devemos ser cuidadosos para evitar enfoques simplistas. Falando no escritório de Christian Aid em Londres, em junho de 2011, o arcebispo anglicano do Brasil, Rev. Mauricio de Andrade citou Romanos 12, 2:

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que comproveis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Ele usou este versículo para admoestar as igrejas a estarem mais envolvidas em ações públicas na defesa de diferentes causas. Com respeito a questões relativas à desigualdade ele afirmou que as igrejas são chamadas a “não se conformarem a este mundo” e a procurarem discernir a vontade de Deus assumindo um papel transformador.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Sem dúvida que Discernimento é uma palavra-chave: precisamos discernir onde se encontram as desigualdades, discernir seus efeitos e discernir a vontade de Deus em relação a eles.

Contexto inter-religioso

Finalmente, uma palavra acerca do contexto de nossas discussões: um contexto onde muitas e diferentes religiosidades estão representadas com muitas e diferentes denominações no interior de algumas delas. Penso que podemos aprender muito sobre desigualdade quando a tratamos a partir de **um encontro de uns com os outros/as**. A promoção de um trabalho conjunto por parte de membros



MÃE EMILIA E PAULA CLIFFORD

de diferentes religiosidades, seja em razão de alguma necessidade específica ou em função de um interesse comum, está longe de se constituir num esforço de integração de um pensamento teológico mútuo e de forma sistemática. Todavia, uma teologia que tem como seu cerne o aspecto relacional, certamente, estaria capacitada

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

para formular uma perspectiva acerca do que poderia ser entendido como “boas” relações com pessoas de outras crenças.

Alan Race, um especialista em trabalho inter-religioso distingue duas diferentes perspectivas no diálogo inter-religioso. A primeira ele denomina de **“Enfoque específico na tradição”** e é definida nos seguintes termos: “Diálogo é uma forma de relacionamento que contribui para a expansão do horizonte próprio da fé levando à transformação da perspectiva mas sem qualquer pretensão de abandono da tradição religiosa particular de cada participante.”⁶ Esta compreensão é, provavelmente, a mais dominante no Sul global, ainda que alguns grupos tenham deixado de admitir qualquer tipo de expansão de sua própria religiosidade. Esta relutância provem do temor de que cada religiosidade possa perder sua peculiar perspectiva de Deus e que tudo possa facilmente resultar na afirmação de que “realmente nós todos cremos no mesmo”, quando na realidade não o fazemos.

Race denomina o segundo enfoque de **“Diálogo em profundidade”**, o qual ele entende como resultado de uma “nova consciência religiosa”⁷ quando os participantes superam os limites da mera tolerância para com as outras religiões e se dispõem a ser transformados por sua interação. Ele incorporou ambos enfoques no que denominou de “Grade de Diálogo”⁸, que ele apresenta da seguinte maneira:



6 Race, Alan, *Interfaith Encounter*. London: SCM, 2001. P. 94

7 *Ibid.*, P. 97.

8 *Ibid.*, P. 100.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Processo	Estilo de Diálogo	Meta do Diálogo	Fruto do Diálogo
Processo A:	Intercambio	Compreensão	Descoberta
Processo B:	Negociação	Tolerância	Aceitação
Processo C:	Interação	Comunhão	Transformação

A grande maioria dos encontros inter-religiosos estão representados nos processos A e B, assim como no modelo “Enfoque específico na tradição”. Estes processos são facilmente representados em termos de uma teologia relacional na medida em que criam ou restauram relacionamentos entre grupos de seres humanos. O Processo C, modelado segundo o enfoque “Diálogo em profundidade” é muito mais radical no relacionamento que ele reflete: uma transformação das relações entre os seres humanos e Deus assim como entre as pessoas umas com as outras.

Bem, este é o ponto em que chegamos em nosso diálogo teológico sobre a desigualdade. Estamos procurando nos transformar, tanto por meio de nosso encontro de uns com os outros(as) como por meio de nossas diferentes

perspectivas acerca da igualdade e do poder. Se quando partirmos, na próxima Quinta-feira, sentirmos que de alguma maneira experimentamos alguma mudança em função do que fizemos aqui isto será uma excelente base para o nosso trabalho no futuro.

**SE CREMOS QUE VEMOS A
DEUS NA FACE DOS POBRES
DEVEMOS NOS PERGUNTAR:
QUE IMAGEM DE DEUS ELES
VEEM EM NÓS?**

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Conclusão

A teologia relacional é mais do que um bom instrumento para a formulação de nossa reflexão sobre o desenvolvimento internacional. Tenhamos a esperança de que nos inspire para qualquer tipo de ação que se torne necessária para a restauração de relacionamentos imperfeitos. A teologia relacional exige também uma perspectiva específica a respeito de Deus que consiste na compreensão de que Deus está genuinamente relacionado ao mundo. Esta é a figura que temos de Deus nas Escrituras: um Pai amoroso que se alegra com a volta do filho pródigo, ou alguém que experimenta o sofrimento vivido pelo prisioneiro e sente fome com os que não tem o que comer (Mt 25). Esta concepção de Deus, para voltar ao comentário de Stanley Hauerwas com que comecei esta palestra, está muito além, certamente, de um Deus que se entedia. Por um lado, ela desafia a clássica visão de um Deus “impassível” que é imutável em sua perfeição e, de alguma forma, distante, sem partilhar do sofrimento de seu povo sofredor.

Por outro lado, esta compreensão desafia aqueles e aquelas dentre nós que trabalham para o desenvolvimento internacional ou mesmo alguns de nós cuja atividade tenha que ver com relações humanas num amplo sentido. Tudo isto porque a teologia relacional tem o potencial de ser transformadora. Se cremos que vemos a Deus na face dos pobres devemos nos perguntar: que imagem de Deus eles veem em nós? Assim, não apenas procuramos provocar transformações mas sermos também transformados.

2. ASPECTOS DA DESIGUALDADE EXPERIMENTADA EM NOSSO CONTEXTO E A REAÇÃO DE ALGUMAS ORGANIZAÇÕES-PARCEIRAS NA VISÃO DE ALGUNS/MAS PARTICIPANTES:

Na América do Sul a desigualdade maior se dá em relação aos povos originários e pode ser vista em sua luta em defesa de seus territórios e nos efeitos gerados pela migração. Também é visível na discriminação da população afrodescendente, na falta de oportunidades para a juventude, na opressão das mulheres e na falta de atenção básica às crianças. Isto acontece pela adoção de modelos econômicos de crescimento baseados na lógica capitalista, individualista, esgrimindo valores fundamentados na posse de bens, que geram mal uso do poder e violência estrutural endêmica.

Como igrejas, dizem os/as participantes, “estamos com os movimentos sociais” e “sentimos a necessidade de questionar nossas tradições dogmáticas desenvolvendo uma reflexão crítica capaz de romper com certo fetichismo estabelecido.” Tem havido alguns avanços na discussão acerca das formas de discriminação que envolvem as igrejas mas, cada vez mais se impõe a necessidade de se viver o Evangelho para que a igreja se torne, de fato, uma voz profética com capacidade de articular as organizações ecumênicas de modo a produzir uma incidência pública significativa. Permanece ainda muita ambiguidade e, muitas vezes, como igreja “parece que falamos da vida mas não atuamos verdadeiramente em sua defesa e promoção e ficamos apenas nas palavras. A ética e a moral precisam ser reflexionadas a partir da Palavra de Deus.”



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

A situação no Brasil

No Brasil a desigualdade é basicamente socioeconômica e cultural e trás consigo a violência, a exclusão e as intolerâncias religiosas e sexuais, estando muito presente nos centros urbanos mas, também, em todos os recantos de sua imensidão territorial. As razões são históricas, fruto do processo de colonização marcado pela escravidão e uma perspectiva eurocêntrica, baseado na concentração da riqueza, na propriedade da terra e na reprodução de um discurso normativo patriarcal, branco, sulista, heterossexual e católico-romano. Hoje prevalece uma grande influencia midiática que também é responsável pelo processo de repressão e criminalização dos movimentos sociais defensores de direitos humanos. Há uma constante injustiça tributária pois quem realmente paga os impostos são os pobres. A desigualdade está intimamente relacionada com toda essa situação que, ademais continua sendo reproduzida pelo sistema educacional. Importa lembrar, também, a manipulação de um certo enfoque bíblico que favorece a manutenção das desigualdades e a reprodução de intolerâncias em diferentes âmbitos.

Para o enfrentamento desta realidade o Candomblé ⁹destaca a

9 O Candomblé aqui chegou com os escravos africanos e uma das formas que as famílias escravizadas encontraram para se proteger foi a de se fecharem em suas casas de culto. Atualmente percebemos que as pessoas não vinham até nossas comunidades em busca apenas de ajuda espiritual, mas também com problemas concretos, como por exemplo, problemas de saúde. Isto porque no Brasil o acesso à saúde é difícil e descobrimos que as pessoas não procuram o Estado para se tratarem. Então as lideranças religiosas se deram conta da importância do diálogo e criaram uma interface entre os temas da religião e as necessidades da sociedade. Vemos assim a importância das lideranças religiosas. As diferentes divindades do Candomblé cuidam das diferentes partes do corpo humano. Em minha casa quando fazemos uma festa para as mulheres se promovem palestras sobre a saúde da mulher e se invoca a divindade que é protetora do útero. A melhor forma de se combater a discriminação é abrir a porta do diálogo com os responsáveis das políticas públicas, com os órgãos do Estado e procurar manter um inserção

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

importância da construção de parcerias com o Estado para a elaboração e o monitoramento de políticas públicas e, também, o papel das lideranças religiosas no processo de formação das comunidades para a incidência pública. Trata-se aqui do relacionamento do saber religioso, das tradições, com os processos de superação das desigualdades.

Para a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) a práxis da fé é o seguimento de Jesus, é a centralidade do Reino de Deus na articulação da fé com a promoção dos direitos para o exercício da incidência pública. Trata-se, portanto, do exercício da diaconia, da inserção concreta na sociedade, da busca de construção de parcerias por meio do diálogo inter-religioso, ecumênico, a exemplo de organizações como KONONIA e REJU.¹⁰

Christian Aid trabalha no Brasil para contribuir para a superação das desigualdades, da injustiça e da discriminação mantendo fortes laços de parceria com organizações ecumênicas, movimentos sociais e ONGs locais a partir da perspectiva dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais.

na sociedade, sempre levando em conta o saber religioso. Não separar as coisas e atuar em redes.” (Mãe Emília).

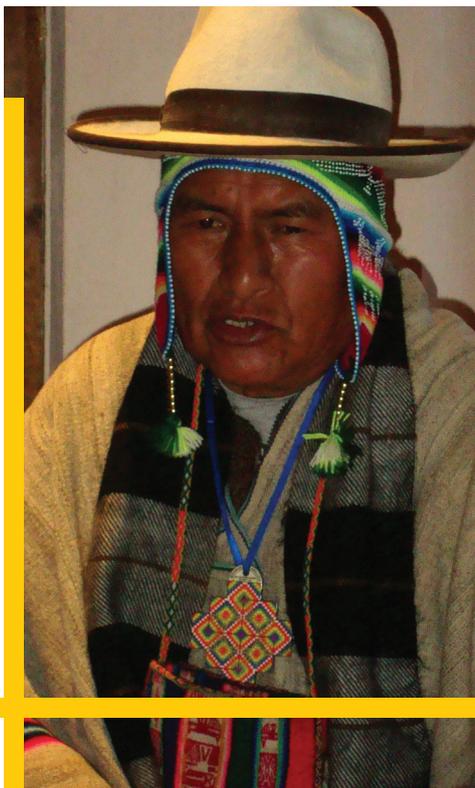
10 KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço; REJU – Rede Ecumênica de Juventude

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

A situação na Bolívia

Na Bolívia as desigualdades se manifestam, dentre outras dimensões, no que se refere a gênero e gerações, tanto na área urbana como na rural. No âmbito religioso pode ser detectada na tensão gerada pelas igrejas em seu afã de subordinar e reduzir as culturas indígenas deslegitimando seus conhecimentos ancestrais relativos às plantas medicinais, diversas comidas, etc. e procurando substituir certos cultivos por grãos patenteados por empresas transnacionais. A desigualdade étnica assoma quando os indígenas são vistos como pobres e excluídos. A desigualdade em relação ao trabalho é promovida com o incremento do mercado informal com a falta de oportunidades, de segurança no trabalho e na exploração dos trabalhadores. As hierarquias conservadoras das igrejas e mesmo alguns setores indígenas rechaçam a diversidade sexual. As causas de tudo isso são estruturais e remontam à história de construção do país. Por que o atual governo promoveu uma mudança na Constituição do país para torná-lo um Estado Plurinacional?

Porque o país foi organizado para dominar e excluir o setor indígena da população e expropriar seus recursos, discriminá-lo e explorá-lo por meio da doutrinação e legitimação de uma ordem



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

social e política que exclui suas maiorias. Ainda hoje alguns setores religiosos apoiam a desvalorização do outro(a) por meio da manipulação de interesses políticos e sectários, promoção da baixa autoestima de modo a permitir a subordinação às classes sociais ricas, ao

**CHRISTIAN AID
TRABALHA NA BOLÍVIA
POR MEIO DE PARCEIROS
LOCAIS REPRESENTATIVOS
A PARTIR DE ANÁLISES DA
SITUAÇÃO E OPÇÕES POLÍTICAS
QUE REJEITAM TODA FORMA
DE ASSISTENCIALISMO OU
“PACOTES” DE AJUDA JÁ
PRONTOS.**

Estado, etc. e a manutenção de sistemas econômicos globais nos quais qualquer riqueza gera exploração, assim como certo tipo de cooperação internacional que vitimizam e tornam as comunidades dependentes da espera de ajuda.

As igrejas bolivianas estão cada vez mais conscientes do que fazem e, agora, o que se necessita é o aprofundamento da análise a partir de sua própria vivência com uma presença contínua em todos os setores da sociedade, respeitando a diversidade, acolhendo a juventude e lhe possibilitando o diálogo. Estes espaços ajudam muito, assim como o

trabalho de formação e a valorização das organizações sociais e dos movimentos. Esperamos que mais igrejas se juntem a essa movimentação.

Christian Aid trabalha na Bolívia por meio de parceiros locais representativos a partir de análises da situação e opções políticas que rejeitam toda forma de assistencialismo ou “pacotes” de ajuda já prontos.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

3. ALGUNS DESTAQUES DOS DEBATES:

- Quando falamos de uma teologia da não-fome, do não-sofrimento se percebe que há uma contradição com a teologia da fome, com a teologia do sofrimento. Como sintonizar uma teologia do desenvolvimento quando cada ser humano tem o seu sofrimento? Na América Latina temos a Teologia da Libertação e, para esta, a reflexão teológica começa a partir de um segundo momento. O primeiro é viver com as vítimas e conviver com o seu sofrimento. A Teologia Relacional é importante mas não se pode perder de vista que o ponto de partida é a pessoa que sofre e a reflexão vem da história da pessoa que sofre. A Teologia da Libertação é complementária à Teologia Relacional. Isto quer dizer que é preciso examinar ambos lados da relação, por exemplo, nas relações de gênero não se trata apenas da situação das mulheres, essas relações não serão completamente restauradas se não ouvirmos e não aprendermos da masculinidade. O perigo pode estar no fato de apenas considerarmos as mulheres como vítimas e se ficarmos nesta perspectiva não vamos resolver a relação e temos que pensar em como reconciliar estes enfoques. Como em Mt 25, a relação se dá no encontro com outra pessoa: “sua relação com Deus se reflete em sua relação com as outras pessoas”. Entender a Deus é entendê-lo a partir das relações humanas, não como alguma coisa externa. É importante que



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

se considere a maneira de se relacionar. Estas colocações nos convidam à reflexões mais pessoais no âmbito familiar e, como pode haver relações de injustiça, existem textos na Bíblia que se prestam para a reafirmação da desigualdade. Precisamos pensar

numa teologia com justiça.



- A discussão sobre Direitos Humanos no Reino Unido e Irlanda é muito diferente da que ocorre na América Latina. Lá, são muitas as pessoas que nunca experimentaram a violação de seus direitos. Entretanto podem recorrer aos tribunais e isso tem resultado na existência de de-

mandas estranhas sobre violações, como por exemplo, o direito de fumar um cigarro em público. Do ponto de vista religioso, tem muita gente no Reino Unido incomodada com a ideia de que o ser humano tem direitos que não lhes foram dados por Deus...”quem sou eu para dizer que tenho esse direito!” Por isso há mais ênfase nas responsabilidades e deveres do que nos direitos. Mas também é certo que direitos e responsabilidades são as duas caras de uma mesma moeda. No Reino Unido também se compreende pouco como a dimensão inter-religiosa acontece entre cristãos, religiosidades indígenas e afro-originais, pois esta discussão no geral na Christian Aid está mais centralizada nas relações entre cristãos e muçulmanos.

- Devemos reforçar as redes de proteção e de apoio dentro de nossas organizações e igrejas para denunciar a falta de consciência analítica, as contradições e as fraturas que, interna-

Diálogo Inter-religioso

Sul-Americano sobre Iniquidade

mente, não são bem compreendidas. “ Se, a partir do Evangelho, falamos sobre o silêncio é porque, geralmente, não estamos acostumados a analisar e questionar. Quem ousa denunciar é discriminado. É preciso fortalecer a voz profética e, ao mesmo tempo, construir redes de apoio aos que denunciam.

- Nos anos noventa a espiritualidade andina era discriminada...e, diante da estrutura eclesial católica romana, que é uma rocha imensa, as pessoas se sentiam pequenas, assumindo, então, de forma clandestina, em todas as oportunidades, esta espiritualidade. No entanto, agora há espaço para se viver esta dupla fidelidade: por um lado assumir a espiritualidade Aymara e, por outro a Doutrina cristã. “É muito doloroso viver sendo criticado e não acolhido em meio àqueles(as) que lhe negam, mas é preciso crer que se pode alcançar essa complementaridade.”
- Mas, o que está errado ? O Brasil tem leis muito fortes contra a discriminação e, ao mesmo tempo apresenta os maiores índices de discriminação. Esta contradição está relacionada com a situação histórica do processo de colonização e a própria organização política do Estado. Este país tem uma Constituição e um conjunto de leis muito boas mas que, na prática, não são exercidas. Um exemplo a esse respeito é o fato de uma pessoa que discrimina a religião afro-brasileira poder ser presa por até três anos. Mas até hoje isto nunca aconteceu, pois muitos subterfúgios são articulados ocultando-se a discriminação, a policia quando acionada a nega e só resta uma estatística de denúncia. “É difícil para a justiça medir a dor.” Neste sentido a palavra para definir o Brasil é ambiguidade!”
- Sempre pensamos no que não temos, mas há uma imensa

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade



**REPRESENTANTE DE MENCOLDES
(COLOMBIA) E MARIANA OROPEZA DA
CHRISTIAN AID BOLIVIA**

riqueza em termos da cultura sul-americana que, em virtude da desigualdade entre os países e as diferenças regionais acabamos por não vê-la e, assim, podemos cair na vitimização, que também é resultado do êxodo do movimento de cooperação internacional para fora da América Latina. É preciso fortalecer mais ainda as riquezas existentes nas populações tradicionais, a ecologia dos saberes presentes nas mudanças importantes que se percebem nos processos

políticos e sociais da América Latina. Como poderíamos afirmar a equidade e não apenas a desigualdade? Como podemos, a partir da riqueza política de nossos países, abrir um diálogo com as sociedades do Norte que vivenciam uma crise espiritual? Esta crise é resultado do fato de terem sido levados a acreditar que a felicidade se baseia no material e, agora, com a crise econômica, vai surgir um grande vazio. Precisamos pensar o que comunicamos, isto é, que mensagem podemos oferecer à Europa e ao Norte. Como podemos iniciar um diálogo e, a partir de nossas experiências e testemunhos, oferecer uma mensagem clara a uma sociedade que está confusa? Como garantir o necessário equilíbrio que devemos alcançar cuidando dos recursos humanos e dos recursos naturais?

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

- A crise mundial derrotou as receitas tradicionais do Norte e hoje há um clamor por alternativas frente a crise de credibilidade das fórmulas tradicionais e há espaço para as alternativas oferecidas pelo Sul. Deus abdicou do poder e a encarnação é um exemplo de morte mais humilhante. Esta é uma visão incômoda que nos complica a vida e não nos permite ficar acomodados. No Antigo Testamento temos uma opção muito particular, trata-se do Deus dos escravos, pessoas que não significavam quase nada para a sociedade. E esse Deus as fortalece para que saiam da escravidão, é um Deus que dá esperanças e possibilidades para a mudança de vida. Tudo isso é muito diferente dos padrões cristãos que virão depois e que se transformaram numa religião faraônica que avaliza o poder.
- A oração é uma forma de se compartilhar o pão e a água e uma reafirmação de que somos uma unidade de corpo e espírito. É também uma afirmação de que o amor a Deus e ao próximo é possível, indicando como podemos estabelecer relações em favor da equidade. Dá-nos a oportunidade de acabar com a desigualdade e não apenas com a perspectiva de vítimas, permitindo-nos demonstrar como superamos a iniquidade e usufruímos a harmonia do bom viver. Como podemos compartilhar com o Norte nossas experiências, contribuindo a partir do Sul, para um mundo mais pleno de modo a expressar o Reino de Deus na terra ?
- A desigualdade tem a ver, também, com a discussão acerca do poder. De acordo com algumas análises o poder é visto como algo mau e negativo. Existiria hoje, a partir de nossa região, uma nova percepção do poder e como poderíamos relacioná-la com o tema da desigualdade? Há uma grande discussão a esse

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

respeito em Christian Aid, pois se entende como muito importante uma reflexão sobre o poder como tal. Quando falamos de poder estamos falando de autoridade? Em II Coríntios 5 se



DANIEL SOUZA E MÃE EMILIA

nos recomenda submetermo-nos às autoridades; como saber quando essas autoridades vem de Deus? A esse respeito existem dois pontos de vista diferentes. Por um lado temos teologias que consideram o poder como positivo, pois originário da ideia de Deus visto como poderoso, e isto se reflete nas estruturas tradicionais e por isso se questiona a maneira pela qual o poder é exercido. Por outro, temos uma visão contrária que entende o poder como algo negativo, relacionando-o à figura de Jesus renunciando ao seu poder. Ambas perspectivas são válidas, pois, a partir da teologia relacional elas devem ser complementárias. Quando as relações são quebradas em

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

virtude do mau uso do poder a chamada ao discernimento se torna vital. Temos, portanto, que nos perguntar em que consiste o poder – de pessoas ou de instituições – porque o poder existe! Jesus tinha poder e, ao mesmo tempo, não tinha! No primeiro caso demonstrava isso com sua capacidade de guiar e ensinar o povo – e a comunidade que ele constituiu nos revela que ele exercia sua capacidade de influenciar pessoas. Por isso é importante repensar o poder em termos positivos e como algo que se pode ir adquirindo. O poder político é sempre visto como negativo, como poder corrompido. Mas precisamos reformular estas convicções. Necessitamos de um análise sistêmica acerca do poder, ampla e interdisciplinar. As coisas se complicam quando falamos de “fortalecimento”. Isto quer dizer que podemos “dar”, outorgar poder a outros/as? Numa primeira vista parece algo paternalista; mas o importante é procurar ver o que realmente é fundamental para o “auto-fortalecimento”. Ou seja, trata-se de aprender a compreender uma realidade e, nela, exercer o meu poder na medida em que me torno protagonista.

- A Teologia da libertação se assenta sobre um tripé básico: nasce num espaço concreto e procura responder a questões concretas; tem uma opção preferencial pelos pobres, mas não de forma paternalista; acredita que os pobres são sujeitos de direitos e não vítimas, ou seja, que o pobre constrói a história e se reinventa.
- A questão da humildade é fundamental para o diálogo inter-religioso, para uma relação entre iguais onde ninguém sinta ou pense que seu Deus é melhor que o do outro/a. Trata-se de respeitar as demais religiosidades como válidas. Para se alcançar

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

esta atitude é preciso aprofundar os nossos questionamentos internos como forma de eliminar a arrogância de pensar que somos os únicos bons.

- Outros dois problemas se colocam, hoje, para a teologia. O primeiro se refere à questão do consumismo, presente, também, entre os pobres latino-americanos. Estes querem sair da condição de pobreza, ascender à classe média para poder con-



sumir, seduzidos pela ideia de que é capacidade de consumir que os torna cidadãos. Outro tema que a teologia não tem trabalhado muito é o tema do desejo, da não-conscientização acerca da sedução do consumo. Se questionamos as religiões de mercado temos de nos confrontar com o consumismo, com a realidade dos desejos e com a visão simplista acerca dos pobres hoje. Isto porque as pessoas precisam de trabalho, querem melhorar suas condições de vida e, se têm um negócio, querem que este prospere. Está bem que um pastor, um sacerdote ou

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

um Yatiri¹¹ as estimule para que continuem trabalhando. O que temos de questionar é o fato de uma fé religiosa se converter num mecanismo de estímulo ao crescimento ilimitado e de exacerbação do desejo.

- Atualmente, a “teologia da prosperidade” não é encontrada apenas na Igreja Universal do Reino de Deus mas, também, na Igreja Católica, nas espiritualidades indígenas e em todas as religiões. E isto é assim porque a ideologia do mercado penetrou em nossas diferentes espiritualidades, razão porque ganha maior importância a atenção ao discernimento e à reflexão crítica a partir de nossas comunidades. Nos lugares de culto, onde se realizam rituais andinos, especialmente no mês de agosto, os Yatiris chegam a ganhar 12.000 bolívares por dia porque ali acorrem aymaras ricos que solicitam rituais pomposos com sacrifícios de llamas¹² porque querem que sua riqueza e propriedade seja incrementada. Isto é uma expressão da teologia da prosperidade. O mesmo acontece com as religiões de origem africana, com as pessoas dirigindo-se aos seus orixás¹³ em busca da felicidade e bem-estar material e espiritual.

Em qualquer caso não se pode perder a essência que é a manutenção do equilíbrio entre o material e o espiritual. Frente ao capitalismo, e a partir de nossas espiritualidades, é preciso exercitar essa crítica para ajudar as pessoas na formação de seus valores.

11 Yatiri – Sacerdote na religiosidade Aymara.

12 Llama – Animal típico dos Andes.

13 Orixá – Entidade divina dos cultos de origem africana.



Observações conclusivas da teóloga Paula Clifford:

“À luz das discussões até aqui desejo expressar algumas reflexões em torno da teologia da libertação relacionadas à questão da igualdade e do poder. Mas, antes, gostaria de lembrar que meu trabalho em Christian Aid consiste em articular uma teologia específica para esta agência voltada para a questão do desenvolvimento e não uma teologia completa. Às vezes nos perguntam por que não falamos mais sobre a ressurreição e a vida eterna. Mas esta não é a função de uma agência de apoio ao desenvolvimento internacional. Creio que nossa responsabilidade é formular uma teologia que seja compatível com esta teologia mais ampla e desenvolver de forma mais detalhada o que faz, ou deve fazer, a igreja. Quando o irmão Calixto perguntou acerca do sofrimento acho que não é de minha responsabilidade, enquanto teóloga, dar-lhe uma resposta. No entanto, enquanto pastora de uma comunidade local, sim, tenho que falar do sofrimento, mas em outro contexto teológico. No

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

próximo domingo, por exemplo, vou ter de pregar um sermão sobre a parábola do “Servo infiel”. Trata-se da história de um servo que devia muito dinheiro a seu patrão, foi perdoado por este, mas não perdoou a quem lhe devia. Penso que se pode argumentar de que se trata de relações que não estão bem, havendo portanto, aqui diferentes linhas teológicas que se vão juntando.

Falemos, então, de igualdade, pois Christian Aid está tendendo a nivelar igualdade com poder e desigualdade com ausência de poder. No cap. 31 do livro de Jó este é acusado de abuso do poder, de agir de forma injusta para com seus empregados e, em sua resposta, Jó apela para desigualdade geral da humanidade inquirindo se o mesmo Deus que lhe deu vida ainda no ventre não é o mesmo que lhes deu vida também...Nascemos iguais, afirma ele. Na Igreja antiga prevaleceu uma visão diferente sobre igualdade e desigualdade. Ao se declarar que o filho de Deus renunciou a seu status de igualdade com seu Pai e adotou um status de igualdade com os seres humanos está se afirmando que Jesus não só deixou de ser igual a Deus como também não desfrutou da igualdade com os seres humanos porque lhes permitiu exercer poder sobre ele mesmo...Por isso a cruz é o símbolo máximo desta falta de poder, pois se trata de uma renúncia ao poder.

Os teólogos da libertação não partilham do ponto de partida de Jó, antes, ao virem de um contexto com muitas desigualdades assinalam que a igualdade é algo que se deve alcançar e pode ser alcançada graças a solidariedade humana e eu acho que a solidariedade está pré-imaginada a partir da solidariedade de Jesus ao entregar-se pelos seres humanos. Em Filipenses 2, onde se fala sobre a renúncia ao poder por parte de Jesus talvez não se trate tanto do poder, mas da solidariedade, do acompanhamento dos pobres. Agindo desta forma os seres humanos se convertem em agentes desse processo

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

de libertação, um modo de ser iguais diante de Deus, e sugiro que isto significa tratar aos demais como iguais, mesmo se não somos iguais em termos sociais. Creio que também implica que alguns seres humanos devem renunciar ao poder para poderem substituir estruturas de poder desiguais por outras mais igualitárias. Por exemplo, neste grupo eu estou longe de ser igual a vocês, pois não falo os

idiomas de vocês e, ontem vimos que o idioma pode ser uma fonte de discriminação. Mas o que vocês fizeram foi renunciarem ao poder sobre mim para podermos funcionar como uma reunião de iguais.

Minhas colegas estariam mais felizes podendo falar em espanhol entre elas mas, mas como são gentis, falam em inglês para que eu possa compreender!

Uma questão que eu gostaria que considerássemos é: Num mundo baseado na desigualdade como podemos dar forma à igualdade? Como podemos trabalhar para desenvolver uma comunidade de iguais em nossas igrejas e comunidades locais? Penso que a estrutura

da teologia relacional pode ser facilmente entendida em termos de poder e igualdade e que nosso trabalho teológico consiste em identificar as situações de desigualdade, observar seus efeitos e ver como podemos fazer frente a elas”.



CECILIA CÓRDOVA
PREPARANDO AGAPE

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

4. PALAVRAS-CHAVE DEFINIDAS PELO GRUPO SINTETIZANDO AS ANÁLISES E AS POSSÍVEIS FORMAS DE AÇÃO.

a. Como moldar um mundo igualitário a partir de uma realidade marcada por iniquidades ?

Partir das dificuldades concretas -- Vivenciar a história e os ensinamentos dos antepassados, pois são as tradições e espiritualidades dos ancestrais que nos dão raízes -- Promover incidência nas políticas públicas -- Acolhimento e respeito à diversidade -- Juntar sabedoria popular e formação acadêmica -- Assumir o Magnificat de Maria – Interromper a lógica do crescimento econômico desenfreado e o saque da região Sul – Renúncia -- Crise/Confusão/Desestruturação -- Relações de fraternidade e sororidade: solidariedade – Sentir-nos acompanhados -- Comunidade como expressão do bem-estar coletivo -- Fortalecer as relações de compadrio -- Espiritualidade na luta -- Diálogo inter-religioso -- Humildade e não-imposição -- Fomento da auto-estima -- Assumir a kenosis (esvaziamento) de Filipenses 2.

b. Quais são as características de Deus que inspiram e/ou destacam nosso pensamento e ação em favor da equidade ?

Deus como Pai/Mãe/Negro/Indígena -- Amor sem barreiras (parábola de Jesus sobre o jovem rico) -- A acolhida e o abraço sem discriminação -- Solidário, Lutador, Não-conformista, Questionador, Transformador – Empatia -- Sentido de justiça – Adaptabilidade -- Construtor da comunidade -- Compartilhamento (ver

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade



caminho de emaus) – Os Orixás que representam diferentes forças da realidade (Xangô, Justiça; Oxum, Mulheres e proteção; Oya, Mãe guerreira) -- Multifacético – respeito - amor – Trindade não-hierárquica: ronda, “pericorese”, dança coletiva – Encarnação: opção pelos pobres e mais excluídos -- Aquele que enfrentou o sofrimento e a intolerância -- A morte não tem a última palavra -- Crucificação (humilhante) e ressurreição como reafirmação do Deus da Vida — Lutador, Não-sacrificador, Confrontador do império — A lei de equidade no universo andino: resgatar a equidade depois de uma ruptura.

c. Á luz das sínteses anteriores qual seria minha contribuição como um ator com perspectiva ecumênica ?

Fortalecimento das redes e das organizações de base -- Busca de incidência pública regional, por exemplo as Jornadas Ecumênicas — Diálogo inter-religioso e respeito — Valorização e aceitação -- Resgatar a memória -- A história como “nosso aprofundamento” — Trabalho conjunto com as organizações sociais num sentido amplo de ecumenismo -- Criar espaços de Discernimento e reflexão teológica -- Lutar ao lado dos pobres, dos que sofrem, como um ponto de partida horizontal -- Agir frente as injustiças — Fortalecimento conjunto de mulheres, homens, negros e indígenas -- Fortalecimento da auto-compreensão das igrejas enquanto povo e não estruturas, hierarquias — Saber se auto-criticar: ver os limites de nossas organizações, o que favorece a desigualdade, o que anima

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

a igualdade como uma transformação interna; não apenas críticas externas à sociedade e ao Estado — Procurar perceber as inconsistências -- Perguntar onde estão os jovens, os indígenas e os negros em nossas organizações e no movimento ecumênico -- Buscar uma mudança sistêmica e integral que é incômoda, radical e utópica -- Lembrar que a divisão entre Norte e Sul não tem mais vigência porque há um sul no Norte e um norte no sul — A mudança pode vir da América Latina quando fizer soar sua voz no mundo -- Muitas das causas da inequidade vem do Norte que precisa da ajuda do Sul para mudar.



Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

d. Que podemos fazer para incorporar estas reflexões e este intercâmbio em nossas ações e elaborações teológicas ? Suas opiniões sobre o encontro.

TAREFAS PARA AS ORGANIZAÇÕES-PARCEIRAS:

- Partilhar esta experiências com irmãos/ãs da mesma tradição religiosa.
- Partilhar experiências pessoais e entre países da região sobre teologia.
- Articulações com governos municipais.
- Apoiar o que outros/as fazem promovendo intercâmbios (p. ex. campanhas)
- Multiplicação por meio da prática.
- Tratamento diferencial para as políticas públicas.
- Intercâmbio de publicações.
- Buscar incidência nas instituições de educação teológica.
- Promover um diálogo inter-disciplinário.
- Aprofundar a reflexão sobre temas como: poder, equidade, cidadania numa reflexão contextualizada.
- Repensar a teologia a partir do diálogo inter-religioso.
- Fazer revisão das metodologias de trabalho popular.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

TAREFAS PARA CHRISTIAN AID :

- Reafirmar nossa identidade como agência ecumênica.
- Reafirmar o valor do trabalho conjunto na região e com outras equipes.
- Valorizar o tempo para a reflexão.
- Tornar visível a desigualdade para influenciar pessoas dentro e fora de Christian Aid .
- Compartilhar os resultados desta discussão com outras entidades parceiras.
- O encontro foi um bom ponto de partida para a articulação entre a reflexão teológica e a prática concreta da agência.
- Mostrou valores inclusivos.
- Levou-nos a repensar nossas relações e nosso trabalho acerca do Desenvolvimento.
- Mostrou-nos que desigualdade e iniquidade são temas muito complexos!
- Necessidade de uma elaboração teológica conjunta a partir do Sul.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

5. CONCLUSÃO

Este seminário representou um passo importante no processo de diálogo entre uma agência de cooperação internacional e suas organizações parceiras na América do Sul. Pode-se mesmo afirmar que se constituiu num momento de real integração que, para se tornar verdadeiramente efetivo precisa, agora, plasmar-se de forma continuada nos varios níveis de decisão tanto da Christian Aid como das entidades que dela recebem apoio.

A franqueza e leveza com que os/as participantes partilharam suas diferentes experiências, suas convicções e suas dificuldades na implementação de seus programas revelam uma promissora atmosfera de diálogo e um verdadeiro espírito de cooperação, condições essenciais para um salto qualitativo tanto na realização dos altos propósitos de Christian Aid como no desenvolvimento dos projetos nacionais e locais das entidades parceiras.

A consciência da desigualdade socio-econômica e cultural reinante na região, como expressão da iniquidade que perpassa as relações humanas no presente “sistema-Mundo” evidenciou-se de forma dramática nas diferentes intervenções dos/as participantes destacando a importância do diálogo inter-religioso para a superação de preconceitos e intolerâncias de todo tipo. A proposta de uma perspectiva teológica dialogal, oferecida por Christian Aid, como fundamento para uma ação cristã consequente, balizou os debates e encaminhou as decisões do seminário. Neste sentido o encontro demonstrou uma dimensão pedagógica significativa para todos/as.

Um primeiro elemento prático resultante dos debates foi o destaque da importância da participação dos parceiros do Sul no processo de informação/conscientização das sociedades do hemisfério Norte, particularmente aquelas do Reino Unido e da Irlanda.

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

Neste sentido foi acolhida a solicitação de Christian Aid de maior comunicação/informação por parte das entidades parceiras, pois trata-se de material essencial para a sua atividade junto as igrejas e o público em geral em seu próprio contexto. Sua incidência pública em grande parte depende desta contribuição vinda de seus pares do Sul.

Um segundo elemento concreto destacado pelo encontro foi a necessidade de se orientar a reflexão teológica a partir das exigências do diálogo inter-religioso. Reunindo tradições ameríndias, cristãs e afro-originárias o encontro constatou o enorme déficit de respeito, reconhecimento e acolhida às formas próprias desenvolvidas por imensos segmentos da população do continente para expressar suas relações com a Transcendência, a sagrada dimensão da existência. As tradições cristãs devem ser desafiadas a rever suas afirmações exclusivistas e redutoras que, por cinco séculos, tem sido impostas às populações originárias e àquelas violentamente transplantadas para legitimar o processo de conquista e dominação desenvolvido pela empresa colonial e que persiste até nossos dias. Uma reflexão teológica que não leva em conta o sagrado direito da alteridade não responde aos reclamos do Evangelho, deturpando-o e falsificando suas premissas libertadoras.

Dentre muitas outras descobertas e afirmações produzidas pelo encontro merece destaque a constatação da necessidade do incremento do intercâmbio e da partilha de experiências entre os diferentes atores da própria região. Ou seja, a promoção, de forma eficaz, do diálogo Sul-Sul por meio de uma mais coordenada atuação em redes, maximizando os alcances dos organismos ecumênicos e das iniciativas de diálogo e cooperação inter-religiosas. Ficou evidenciado, também, que a incidência pública dos esforços das entidades envolvidas só alcançarão efetividade na medida em que os verda-

Diálogo Inter-religioso Sul-Americano sobre Iniquidade

deiros interesses das populações vulnerabilizadas forem expostos e trabalhados de forma clara e objetiva.

Enfim, o seminário foi um êxito. Ao mesmo tempo em que expressou as prioridades de Christian Aid, em seu esforço para facilitar o desenvolvimento de articulações capazes de contribuir para a superação da pobreza, permitiu que diferentes entidades-parceiras, a partir de suas práticas e visões particulares das realidades que vivenciam, colocassem em comum suas experiências e perspectivas tendo como ponto de partida a situação de iniquidade gerada pela gritante situação de desigualdade socio-econômica e cultural que é predominante na América do Sul. A ênfase na necessidade do incremento do diálogo inter-religioso como ponto de partida para a compreensão teológica do estado de iniquidade prevalecente, particularmente, na região deu a tônica do encontro. Neste sentido o encontro foi inovador e estimulador de novas iniciativas similares para a região.

